



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS**

**RAYLLA SAMARA PONTES DOS SANTOS**

**O USO DA LITERATURA SURDA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DO  
ENSINO DE LIBRAS PARA A CRIANÇA OUVINTE**

**GUARABIRA- PB  
2017**

**RAYLLA SAMARA PONTES DOS SANTOS**

**O USO DA LITERATURA SURDA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DO  
ENSINO DE LIBRAS PARA A CRIANÇA OUVINTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de Licenciatura  
em Letras Habilitação em Português.

**Orientador: Esp. Aline de Fátima da Silva  
Araújo**

**GUARABIRA- PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S237u Santos, Raylla Samara Pontes dos.  
O uso da literatura surda como ferramenta pedagógica do ensino de libras para criança ouvinte [manuscrito] : / Raylla Samara Pontes dos Santos. - 2017  
45 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."  
  
1. Libras. 2. Literatura Surda. 3. Criança Ouvinte.  
21. ed. CDD 371.912

RAYLLA SAMARA PONTES DOS SANTOS

**O USO DA LITERATURA SURDA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DO  
ENSINO DE LIBRAS PARA A CRIANÇA OUVINTE.**

Artigo apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Habilitação em Português.

**Área de Concentração: Literatura e Educação**

Aprovada em: 24/11/2017.

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da Silva Araújo  
Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Débora Regina Fernandes Benício  
Prof. Me. Débora Regina Fernandes Benício  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rosângela Neres Araujo da Silva  
Prof. Dr. Rosângela Neres/Araújo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB).

Aos meus pais, pelo incentivo, ajuda e compreensão e a todos que torceram por mim e acreditaram em meu sucesso, acompanhando meus passos até aqui, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus supremo, por ter me dado sabedoria, paciência e coragem para chegar até aqui, por ter me dado forças em todos os momentos que precisei e não desistir de mim, quando nem eu mesma acreditava.

A minha mãe Marileide, por todo incentivo, a pessoa que mais me apoiou, me compreendeu e me ajudava em todos os momentos, a pessoa que mais acreditou em mim e nunca me permitiu desistir.

Ao meu pai João, que mesmo sem muito poder oferecer, sempre esteve presente, sempre incentivando e aplaudindo cada passo que eu dava. Aos meus irmãos Marcelo, Matheus e Tarcísio, meus sobrinhos Bernardo e Yasmin, que são fontes de alegria inesgotável em minha vida, que mesmo estando distantes fisicamente, torcem, apoiam e se alegram com minhas alegrias, sempre dando força para eu continuar.

À minha orientadora Aline Araújo, que se tornou uma grande amiga enquanto professora e agora, vem sendo parceira neste trabalho. Agradeço pela paciência, dedicação, confiança em mim depositada, por todo conhecimento a mim transmitido, pelo cuidado e profissionalismo, no qual, foi extremamente importante para a conclusão deste trabalho.

Aos professores da graduação da UEPB, que contribuíram ao longo de todo curso, por meio das disciplinas e debates, para que eu chegasse até aqui, munida de conhecimentos. Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. E a todos meus amigos, que de forma direta e indireta, contribuíram torcendo e acompanharam minhas lutas para conseguir chegar até aqui.

“O que importa a surdez da orelha, quando a mente ouve? A verdadeira surdez, a incurável surdez, é a da mente”.

Ferdinand Berthie

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – Momento de questionamentos.....	33
<b>FIGURA 2</b> – Sinal do Gepeto.....	34
<b>FIGURA 3</b> - Expressando o sinal de desculpa.....	35



## O USO DA LITERATURA SURDA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DO ENSINO DE LIBRAS PARA A CRIANÇA OUVINTE

SANTOS, Raylla Samara Pontes dos\*

### RESUMO

O presente artigo versará sobre como a Literatura Surda pode servir de suporte para o ensino de Libras a crianças ouvintes, destacando o que é Libras e como é constituída língua natural do surdo. Nosso objetivo é apresentar a Literatura Surda como ferramenta pedagógica para o ensino de Libras a crianças ouvintes, promovendo uma linha de acesso entre crianças ouvintes e o mundo do surdo, por meio de sua literatura. Neste viés, ainda destacamos os principais conceitos sobre literatura surda, como surgiu e quais os tipos existentes. Partimos de conceitos dos mais diversos autores que estudam esta linhagem, entre eles: KARNOPP (2010), MOURÃO (2011), GOLDFELD (1997), STROBEL (2008), PERLIN (2004) e LABORIT (1994). Sendo assim, essa abordagem partiu de uma coleta bibliográfica, como também uma intervenção pedagógica de caráter observatório-interativo, para que fosse possível alcançar nossos objetivos. Essa intervenção foi o ponto alto da pesquisa, pois através dela pudemos perceber como a Literatura Surda pode servir de apoio ao ensino de Libras, onde a mesma se utiliza de uma maneira lúdica e dinâmica, na qual envolveu as crianças ouvintes como instrumento de análise e instigou nas mesmas o desejo de aprender um pouco mais sobre Libras. Percebemos que os alunos ouvintes aceitaram as experiências com a literatura surda, demonstrando interesse, além de se conscientizarem da importância de aprender a língua de sinais, para assim, poder comunicar-se e inserir o surdo no convívio social.

**Palavras-Chave:** Literatura Surda. Libras. Criança Ouvinte.

---

\*Aluna de Graduação em Letras-Português, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Email: rayllasamara@hotmail.com

# **THE USE OF DEAF LITERATURE AS A PEDAGOGICAL TOOL OF THE TEACHING OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) FOR HEARING CHILD.**

## **ABSTRACT**

The present article will be about how the Deaf Literature can support the teaching of Libras to hearing children, highlighting what Libras is and how it is constituted as the natural language of the deaf. Our objective is to present the Deaf Literature as a pedagogical tool for the teaching of Libras to hearing children, promoting a line of access between hearing children and the world of the deaf through their literature. In this bias, we still highlight the main concepts about deaf literature, how it came about and what types exist. We start from concepts of the most diverse authors who study this lineage, among them: KARNOPP (2010), MOURÃO (2011), GOLDFELD (1997), STROBEL (2008), PERLIN (2004) and LABORIT (1994). Thus, this approach started from a bibliographical collection, as well as an observational-interactive pedagogical intervention in order to achieve our objectives. This intervention was the highlight of the research, because through it we can see how the Deaf Literature can serve as support for the teaching of Libras, where it is used in a playful and dynamic way, in which it involved the hearing children as an instrument of analysis and instigated in them the desire to learn a little more about Libras. We perceive that the hearing students accepted the experiences with the deaf literature, showing interest, as well as being aware of the importance of learning sign language, in order to be able to communicate and insert the deaf in social interaction.

**Keywords:** Deaf Literature. Libras. Hearing Child.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 O SURDO E A LÍNGUA DE SINAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 O QUE É A LITERATURA SURDA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 LITERATURA INFANTIL VERSUS LITERATURA SURDA .....</b>	<b>26</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA AULA TEMÁTICA INTERVENTIVA.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE B – PLANO DE AULA.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Imersos no século XXI, diante de tantas modificações, a tecnologia em alta, o mundo globalizado, ainda estamos distantes de uma sociedade igualitária. Perceber e aceitar o outro dentro de seus percalços ainda é um grande desafio. Nesta perspectiva, busca-se compreender os avanços que vem ocorrendo ao povo surdo brasileiro ao longo de sua história, como também observar o acesso a Libras e a sua Literatura.

Nesta perspectiva, este trabalho busca promover uma linha de acesso entre o mundo surdo e as crianças ouvintes por meio da Literatura Surda, que surge com o intuito de promover uma facilitação de experiências literárias através de uma língua acessível, neste caso a Língua Brasileira de Sinais.

Com base nestes conhecimentos, Karnopp (2010) define:

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p. 161).

Deste modo, a escolha desse tema deu-se após conhecer um pouco sobre o surdo e a Língua de Sinais, durante a graduação, mas especificamente no 5º período do curso de Letras-Português, na disciplina de Libras, sentindo a partir daí a necessidade de cruzar caminhos entre ouvintes e surdos, aproximá-los através de uma ferramenta que faz parte do cotidiano de ambos, que é a Literatura. Essa ferramenta de ensino ainda pouco conhecida, mas que vem mostrando uma relevante contribuição no que diz respeito ao ensino de Libras e Literatura, como também, promovendo uma aproximação entre surdos e ouvintes por meio das mais diversas adaptações, criações e traduções de várias obras.

As crianças ouvintes irão conhecer um pouco da realidade dos surdos através da literatura surda, contribuindo de algum modo para a aproximação de ambos, trabalhando a partir da interação com crianças ouvintes, que irão conhecer um pouco do fantástico mundo da literatura para surdos de forma prazerosa e dinâmica, e assim, envolvê-los e mostrar para as crianças ouvintes que é plausível a comunicação com surdos, onde verão que isso é possível, através da Língua Brasileira de Sinais.

Após ter um contato, embora que mínimo com a Língua de Sinais, aprender um pouco sobre esta, sobre o povo surdo, proporcionou um encantamento e uma curiosidade imensa de ir um pouco além, perceber que ainda há muitos entraves, como também, o quanto ainda precisa-se expandir para chegar ao alcance de todos, portanto isso nos faz refletir a respeito do

que ainda falta para que a Língua de Sinais se torne possível, por quais razões o preconceito ainda toma conta de uma sociedade tão moderna. Nesta perspectiva, surge o desejo de contribuir com a divulgação da Língua de Sinais, trazendo um pouco desse encantamento para crianças ouvintes utilizando a Literatura Surda.

Sabemos que existe uma imensa necessidade em fortalecer a educação inclusiva no ensino brasileiro, por isto, fazer uso da Literatura Surda vai nos auxiliar a promover este enlace, nos aparece como simetria perfeita para promover o encontro de crianças ouvintes com o mundo dos surdos, por meio de sua Literatura, através de um conto bem conhecido pelas crianças ouvintes, “As Aventuras de Pinóquio”, que desta vez, irá aparecer com um diferencial, interpretada em Libras e traduzida em Português na versão voz, possibilitando um contato primordial com o texto.

Nessa perspectiva, a referida pesquisa se fundamenta na necessidade de aproximar ouvintes e surdos no âmbito escolar e consequentemente na vida social. A Literatura Surda entrará como suporte para que ocorra essa intervenção. Partimos de uma pesquisa bibliográfica, para levantamento de dados e após, realizamos a pesquisa de campo, onde, em contato direto com crianças ouvintes, desenvolvemos as atividades propostas a fim de obtermos os resultados descritos e alcançarmos nossos objetivos.

Deste modo, buscamos explorar nesta pesquisa, a importância da Língua de Sinais na interação entre surdos e ouvintes, mostrando que a mesma não é restrita e que, é importante que ouvintes tenham conhecimento da mesma para que haja influência mútua, sendo indispensável, pois, está contribuindo para a formação do sujeito leitor e aproximando surdos e ouvintes, despertando o desejo de buscar novos conhecimentos.

Como pergunta norteadora, iremos abordar: Qual a importância da Literatura surda para o ensino de Libras a crianças ouvintes?

Sendo assim, apresenta-se como **Objetivo Geral**: Apresentar a Literatura Surda como ferramenta pedagógica para o ensino de Libras a crianças ouvintes, promovendo uma linha de acesso entre crianças ouvintes e o mundo do surdo, por meio de sua literatura.

Bem como identificar como **Objetivos Específicos**: Apresentar o conto “As Aventuras de Pinóquio”, interpretado em Libras e traduzido em Português na versão voz, para as crianças ouvintes, a fim de analisar se houve a compreensão e comparação entre as duas línguas, no intuito de verificar de que modo a literatura surda pode servir de ponte para aproximar a criança surda e a criança ouvinte, como também o acesso a Libras; Perceber e avaliar como se dará o contato das crianças ouvintes com a literatura surda, de tal modo a analisar se aceitarão as experiências como aprendizado para sua construção de vida enquanto

cidadãos pensantes; Identificar as contribuições que acarretará esta pesquisa para o sujeito ouvinte como também, ao ensino de Libras.

Com isto, iremos investigar como acontece essa interação utilizando o conto: “As Aventuras de Pinóquio”, uma obra de roteiro adaptado por Nelson Pimenta, professor de Libras surdo e primeiro ator surdo do Brasil, e Luiz Carlos Freitas, um dos criadores da LSB vídeos:

A LSB Vídeo é uma marca carioca, feita para surdos e amigos de surdos. Sua missão é contribuir para o processo de inclusão social e desenvolvimento da criatividade e identidade do surdo, através de produtos e serviços focados na educação, na comunicação e na capacitação de surdos e ouvintes, com a difusão da língua de sinais brasileira. (SITE LSB VÍDEOS, 2017)

O conto utilizado era interpretado em Libras e traduzido em Português na versão voz, onde apresentamos a uma turma de alunos ouvintes, de uma escola privada do município de Cacimba de Dentro-PB, a turma de 5º Ano do Ensino Fundamental I, na qual consta de 10 crianças, sendo 5 meninas e 5 meninos, todas ouvintes.

A partir disto, observamos como transcorreu esse momento, se houve aceitação e interesse pela Língua de Sinais, se identificaram sinais associando a palavra da tradução, se entenderam o decorrer da história por meio da observação e percepção, se houve a curiosidade e a pretensão de aprender sinais como dos personagens, por exemplo. Desta forma, este trabalho deu seguimento em busca de divulgar a Literatura Surda como forma de inserção e promover a desmistificação da Libras em todo o meio social.

Para melhor compreensão do leitor, o trabalho está dividido em partes, tendo como “*Fundamentação Teórica*” em sua revisão de literatura, o capítulo intitulado “*O Surdo e a Língua De Sinais*”, veremos uma breve abordagem sobre a língua de sinais, em seu contexto histórico, apontando dados mais relevantes como a Lei 10.436/2002 e sua importância para que os surdos alcancem seus direitos. Seguindo-se de um segundo ponto destinado a compreender “*O Que é Literatura Surda?*”, definiremos os conceitos, respondendo ao próprio título, como também informações do tipo: quando surgiu, quais as obras que já estão ao alcance de todos e quais aspectos relevantes tornam essa literatura surda diferenciada e tida como ferramenta pedagógica. Em seguida, veremos a “*Literatura Infantil Versus Literatura Surda*” sendo o terceiro capítulo, que traz informações importantíssimas a respeito de ambas, os traços que as assemelham e como pode-se utilizá-la para promover a inserção e a socialização de crianças surdas no convívio das crianças ouvintes.

Teremos ainda, um terceiro capítulo, destinado à “*Metodologia*” e o quinto capítulo com os “*Resultados e Discussões*”, onde relataremos o que ocorreu durante a intervenção feita

na escola campo, quais objetivos foram alcançados, quais as impressões e questionamentos levantados, em contrapartida ao tema deste trabalho.

Por fim, as Considerações Finais, com uma síntese sobre o objetivo dessa pesquisa, informando a autenticidade da Literatura Surda como subsídio para o ensino de Libras a crianças ouvintes, e as Referências Bibliográficas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O SURDO E A LÍNGUA DE SINAIS

Abordaremos aqui o sujeito surdo fugindo dos padrões da visão clínica e patológica, onde o coloca na posição de “doente, com ausência de algo”. Neste contexto, partiremos da visão do surdo na concepção social, ou seja, o surdo como sujeito dotado de atribuições, com qualidades, particularidades distintas, onde o fator da perda auditiva é um atributo natural. Sendo assim, o surdo se distingue do ouvinte, nas concepções da cultura, identidade e linguística, sendo ele falante natural da Língua de Sinais.

A surdez, nesse viés, é vista como um diferencial sociocultural de sua própria identidade, onde o encontro com a comunidade surda é um fator comum de socialização, um fator natural do ser humano, que não o torna deficiente e sim diferente, afinal, a surdez não é sinônimo de invalidez, pois o sujeito surdo possui habilidades, vive em uma rotina normal, sendo capaz de fazer tudo que qualquer ouvinte faz.

Nesta perspectiva, citamos Slomski (2012), alegando que:

[...] o termo “surdo” possui um referencial sociohistórico que determina a necessidade da existência de uma comunidade com características e anseios comuns. Uma visão social da surdez é dessa forma uma descrição mais precisa da surdez se comparada a uma visão médica dominante que enfatiza os vários graus de falta de audição e as consequências dessa incapacidade de ouvir. (SLOMSKI, 2012, p.39)

Compreende-se aqui, a capacidade de respeitar as particularidades de cada indivíduo, aceitando e tolerando a forma que cada um está inserido em seu meio, assim, o surdo não é um doente, incapaz, considera-se as suas virtudes e positivities enquanto ser participante e constituinte na sociedade.

Esta visão social da surdez é defendida por diversas leis, em especial pela Declaração Mundial de Educação Especial, a “Declaração de Salamanca”, que aborda sobretudo os direitos humanos, adotando essas práticas sociais e defendendo o direito à educação a todas as pessoas, sejam elas dotadas de qualquer particularidade. Citamos a Declaração de Salamanca:

O direito de todas as crianças à educação está proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e foi reafirmado com veemência pela Declaração sobre Educação para Todos. Todas as pessoas com deficiência têm o direito de expressar os seus desejos em relação à sua educação. Os pais têm o direito inerente de ser consultados sobre a forma de educação que melhor se adapte às necessidades, circunstâncias e aspirações dos seus filhos. (BRASIL, 1994, p. 5-6)



Esta nova concepção de uma educação igualitária, tomou ainda mais proporção com a total liberdade a adesão a Língua de Sinais, que por muito tempo foi proibida, pois consideravam os surdos incapazes de serem educados, preservavam a oralidade, portanto, os surdos tinham que aprender a oralizar. Sendo assim, quando a mesma passou a ser considerada a Língua oficial dos surdos, que como todas as outras línguas, é estudada em seus padrões linguísticos que envolvem os fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, o surdo passa a ser visto em termos de diferença, nos modelos linguísticos, ou seja, como falante da Língua de Sinais.

Neste sentido, a surdez passa a ser um aspecto positivo, o problema não está em ser surdo, mas em uma minoria preconceituosa de ouvintes que impõe obstáculos aos surdos, por se sentirem superiores somente pelo fato de seu aparelho auditivo funcionar, sendo assim, passa a se compreender, que essas problemáticas estão muito mais ligadas a questões preconceituosas da sociedade, o que não deveria mais existir se todos tivessem conhecimento sobre as ordens sociais e culturais do sujeito surdo, vistas no que chamamos de cultura surda, em torno de uma visão mais histórica do mesmo, ou seja, o surdo como um ser social.

Assim, ainda conceituamos o surdo na perspectiva de Behares (1993b, p.20), quando afirma que a pessoa surda “é aquela que, por portar um déficit auditivo, apresenta uma diferença em relação ao padrão de normalidade esperado, e, portanto, deve construir uma identidade em torno desta diferença para se integrar na sociedade e na cultura, na qual, nasceu”.

Portanto, o conceito de surdez vai além de um olhar clínico que considera a perda auditiva em graus, os tipos, sempre enfatizando o preceito de “doença”, na verdade nos remete a refletir mais intrinsecamente, os fatores realmente relevantes que é de que o surdo se diferencia em padrões da sua identidade e sua cultura.

Entender a surdez em uma visão social é reconhecê-la como minoria sociolinguística e cultural de surdez, ou seja, é atender as diversidades particulares de cada indivíduo, faz parte desse modelo o bilinguismo.

Assim a criança surda em contato com a língua de sinais, irá aprendê-la, tendo domínio pleno sobre sua ordem gramatical e habilidade em sinalizar, assim passará a ser a sua primeira língua, após a aquisição da mesma a criança terá mais possibilidade de aprender a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, por estar mais apta a internalizar os conhecimentos linguísticos que ambas exigem.

Reafirmamos então, citando Goldfeld (1997):

O bilinguismo é a melhor forma educacional para a criança surda, pois a expõe a uma língua natural de fácil acesso, a língua de sinais, que pode evitar o atraso de linguagem e possibilitar um pleno desenvolvimento cognitivo, além de expor a criança à linguagem oral, que é essencial para seu convívio com a comunidade ouvinte e com sua própria família. A educação baseada no bilinguismo parte do diálogo, da conversação, assim ocorre com as crianças ouvintes, possibilitando a internalização da linguagem e o desenvolvimento das funções mentais superiores. (GOLDFELD, 1997, p. 160)

Revela-se, aqui, a importância das crianças surdas terem acesso à Língua de Sinais, onde a mesma não prejudica a oralidade, pelo contrário, ela contribui para aquisição e aprendizado da mesma, pela noção que já apreendeu de suas funções linguísticas e cognitivas ao aprender Língua de Sinais, deste modo, defende-se que o surdo também tenha domínio de uma segunda língua, como a Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Sendo assim, a surdez em uma concepção social não é considerada uma doença, ou incapacidade, enfatizando que, a surdez não inibe o sujeito surdo de desenvolver a comunicação e habilidades linguísticas e cognitivas, pois os mesmos possuem sua língua natural, a Língua de Sinais, como sendo sua primeira língua, também não os impossibilitam de se tornarem usuários da Língua Portuguesa, muito pelo contrário, ela favorece e contribui para o aprendizado mais eficiente de uma segunda língua no nosso caso o português escrito.

Muitos não sabem, mas, LIBRAS é a sigla da Língua Brasileira de Sinais, a língua natural dos surdos brasileiros. A mesma passou a vigorar no Brasil através da Lei nº 10.436/2002. Por ser uma língua natural e surgir através da interação e comunicação entre indivíduos surdos, é particular de cada comunidade, ou seja, ela não é universalizada.

Como dita em lei:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (CONGRESSO NACIONAL, 2002).

A Língua de Sinais se caracteriza, como o próprio nome já diz, pelo uso de sinais correspondentes a palavras, frases, emoções, sentimentos, por isto é uma língua, de modalidade gesto-visual, onde é transmitida através das mãos e captada através dos olhos. Para ser oficializada, a língua de sinais passou por diversos percalços, sua história é de lutas, entraves, preconceito e rejeição, sendo considerado absurda a ideia da comunicação gestual ser uma língua.

Esta situação é marco histórico do Congresso de Milão, que foi onde aboliu-se o uso da língua de sinais e ainda se proibiu que os professores surdos desenvolvessem funções no setor de educação.

Os professores surdos foram excluídos da votação, o oralismo saiu vencedor e o uso da língua de sinais foi “oficialmente” abolido. Os alunos surdos foram proibidos de usar sua própria língua “natural” e, dali por diante, forçados a aprender, o melhor que pudessem, a (para eles) “artificial” língua falada. E talvez isso seja condizente com o espírito da época, seu arrogante senso da ciência como poder, de comandar a natureza e nunca se dobrar a ela. (SACKS, 1989, p. 40 apud LIMA, 2004, p. 20)

Por isto, é importante conhecer para que saibamos valorizar a língua que permite aos surdos serem transformadores do mundo, serem capazes de opinar, de estarem inseridos na sociedade como cidadãos pensantes, como também, a facilidade de comunicar-se com ouvintes e com a própria comunidade surda.

Não basta reconhecer a Língua de Sinais como uma língua, sem pensar em valorizar e apresentar sua importância no âmbito escolar. Sabe-se que o momento de moldar e transformar a sociedade, acontece desde os primeiros anos escolares, onde a formação intelectual está muito mais aberta para a aceitação das diferenças e adequação as mesmas, como bem afirmam Craidy e Kaercher (2001):

As teorias sociointeracionistas concebem, portanto, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão a sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente [...], as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. (CRAIDY, KAERCHER, 2001, p. 27)

As teorias sociointeracionistas são abordagens de estudos Vigotskyanos, onde defende-se que os indivíduos se desenvolvem na relação social, na vivência em conjunto aos demais indivíduos, onde ele se desenvolve e se transforma baseado em suas experiências diárias. Como afirma Vigotsky (2010):

O ser humano, por sua origem e natureza, não pode nem existir nem conhecer o desenvolvimento próprio de sua espécie como uma mônada isolada: ele tem, necessariamente, seu prolongamento nos outros; tomado em si, ele não é um ser completo. (VIGOTSKY, 2010, p.16):

Deste modo, pensar em uma educação inclusiva é também pensar no ensino de Libras mais presente nas nossas escolas de público ouvinte e surdo, desde os anos iniciais, sendo assim, visto como um subsídio de interação e formação sociocultural dos discentes, em geral.

A valorização do bilinguismo vem prevalecendo fortemente nas escolas, onde incentiva-se que os alunos sejam falantes além do Português, também do Inglês e/ou do Espanhol, por exemplo (citamos ambas, por serem as mais predominantes). Ressaltando que, o termo “bilinguismo” refere-se ao uso corrente do falante que domina mais de uma língua. Aqui no Brasil, por exemplo, bilíngue seria a pessoa que domina o Português e o Inglês.

Para Quadros, citada por Fernandes (2005, p. 28), “O Bilinguismo, entre tantas possíveis definições, pode ser considerado: o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais”. Ressaltando que, a comunidade surda é bilíngue pelo fato de que, os mesmos convivem em seu âmbito social com surdos e ouvintes.

Seguindo este viés, nos recai o seguinte questionamento: porque não adotar o ensino de Libras como L2, ou seja segunda língua para crianças ouvintes, visto que, valoriza-se primeiramente o que é de fora, esquecendo-se do que é nosso, da realidade que nos envolve, que é, o contato com os surdos? Para Sanches (1993, apud Lima, 2004, p. 44), “é necessário para o surdo adquirir a língua de sinais e a língua oficial de seu país apenas na modalidade escrita, e não na oral”.

Como se falar em “educação inclusiva”, um termo muito utilizado e propagado no meio educacional, mas que, observando a prática dentro do contexto escolar, não se vê a mesma sendo desenvolvida como dita o sistema.

Neste contexto, Sasaki (2012) define:

Inclusão é o processo pelos quais os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda adversidade humana – composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos, com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações. (SASSAKI, 2012, p.1).

A educação inclusiva trata de, inserir o aluno com particularidades distintas, em um mesmo convívio escolar, valorizando suas competências. Assim, Mantoan (2005) afirma que:

Inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com o outro. (MANTOAN, 2005, p.1).

Contudo, inseri-la vai muito além de somente mantê-la naquele contexto, é preciso possibilitar que ela socialize-se, troque conhecimentos e experiências com os demais e acima de tudo, ambos aprendam a crescer compreendendo que não existe limitações. Como bem coloca a Declaração de Salamanca:

Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades, escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos (...) (BRASIL, 1994, p.1)

Deste modo, voltamos nossos olhares a pessoa surda X ouvinte, de que modo ela será inserida dentro das escolas inclusivas, sem que naquele ambiente se tenha conhecimento sobre a Língua de Sinais, sem que saibam que o surdo comunica-se através de sinal, por isso, deseja encontrar ao seu redor, pessoas capazes de compreendê-las e dialogar dentro destas interações. Por isso, devemos partir da consciência da necessidade de que o ensino de Libras, precisa sim, estar inserido no ensino desde as séries iniciais.

Através da Língua de Sinais, novos horizontes se abrem, facilitando a comunicação entre surdos e ouvintes e dando espaço para a criança ouvinte conhecer novas possibilidades de diálogo propiciadas pelo bilinguismo, que é uma metodologia de ensino onde a criança domina a Língua Portuguesa e passa também a ter a acesso a língua de sinais e assim, aceitar as diferenças do outro, havendo possibilidade de conviver com a criança surda sem limitações.

O ensino de Libras para crianças ouvintes, pode ser antes de mais nada uma atividade dinâmica, nesta perspectiva, introduziremos a Literatura Surda, que proporcionará uma forma prazerosa e diferente de estudar literatura.

[...] Vivemos em uma sociedade na qual a língua oral é imperativa, e por consequência caberá a todos que fazem parte dela se adequarem aos seus meios de comunicação, independentemente de suas possibilidades. Qualquer outra forma de comunicação, como ocorre com a língua de sinais, é considerada inferior e impossível de ser comparada com as línguas orais. (DIZEU; CAPORALI, 2006, p. 23)

Através dessa dinâmica de ensino, espera-se que a criança ouvinte perceba a criança surda e a veja também como sujeito transformador, autor e dono de sua própria identidade e possuidor se sua própria cultura.

A tecnologia vem contribuindo de forma positiva para que isso ocorra, porém, sabemos que a Libras ainda não é uma língua acessível a todos, vale ressaltar que não é restrita apenas aos surdos, conhecer e ter acesso está ao alcance de todos que buscam e compreendem a importância de facilitar a comunicação e promover a inclusão, visando a realidade de estar constantemente exposto a situações que incluam surdos.

## 2.2 O QUE É A LITERATURA SURDA?

Definir Literatura Surda ainda é considerado um pouco difícil, considerando o leque de possibilidades para conceituá-la. O que se sabe é que, o próprio termo nos leva a pensar na mesma como representações feitas pelos próprios surdos, traduzindo a partir delas, suas vivências, experiências em comunidade, relações, lutas, vitórias, conquistas, dando teor a sua cultura e identidade, como bem alega Mourão (2011), quando diz:

Não é fácil definir a literatura surda. Assim como não há uma única conceituação para literatura em geral, também não há uma definição única para literatura surda. Quando se fala nela, especificamente, vemos que está relacionada às representações produzida por surdos, em que se produzem significados partilhados em forma de discurso – sem eles, não há representação surda. (MOURÃO,2011, p. 72).

Assim, pode-se compreender literatura surda como representação de surdos, na busca pela sua própria identidade e espaço na sociedade. Representações estas, que buscam originalidade e até mesmo recriações do que já existe.

Para entendermos o que é a Literatura Surda, precisamos compreender o contexto histórico da Literatura Brasileira em si, onde é possível perceber que ambas possuem semelhanças no que diz respeito ao surgimento, as lutas traçadas para serem aceitas e autores e obras que passam despercebidos pela não aceitação da sociedade.

Assim, a Literatura Brasileira surge com os movimentos de busca de identidade de artistas que viviam submissos às exigências e padrões estéticos da cultura europeia, ou seja, o conservadorismo. Nesta perspectiva, a semana de arte moderna foi o marco inaugural dessa nova fase da Literatura, recriando novos conceitos, buscando renovar as artes, alcançar a liberdade de expressão e comprovar que era possível inovar as artes, com identidade própria, sem precisar importar da Europa.

A semana ecoou na imprensa e abriu a difusão dos três princípios fundamentais do modernismo brasileiro, segundo Mário de Andrade: o direito permanente a pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional. (HELENA, 1989, p. 47).

A Literatura Surda passou por processos polêmicos semelhantes em termos de aceitação. Antes de tudo, a Língua de Sinais foi por muito tempo considerada imprópria, sendo proibido o ensino nas escolas, como também o uso da mesma, por isto, não havia registros, nem conhecimento de autores, obras e/ou a existência de “Literatura Surda” neste momento inicial.

Comparando ao contexto histórico da Literatura, que seguia fielmente o padrão conservador europeu, restringindo-se ao que era permitido e considerado “correto”, a Língua de Sinais não foi aceita durante muito tempo, sendo considerado apenas a língua falada e escrita da Língua Portuguesa, onde se prezava pelo ensino puro da língua falada e escrita.

Assim, o Brasil, que iniciara vinte e três anos antes o trabalho com a Língua de Sinais, por meio da implantação do Instituto dos Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e da influência do professor surdo Huet, adere à tendência educacional mundial e extingue a Língua de Sinais do processo educacional dos surdos (GOLDFELD, 2002 *apud* ALMEIDA, 2015, p. 68).

Seguindo esta linha de pensamento, pode-se dizer que não se sabe ao certo quando a Literatura Surda surgiu, pois, tendo em vista que durante muito tempo o ensino de Libras foi restringido, o que não significa que a mesma não circulava dentre os grupos de surdos, considerando-se assim que, criações dos mais diversos gêneros textuais já existiam há muito tempo, não sendo reconhecidos pela descaracterização da língua e pela ausência dos meios tecnológicos da época, para registrar as obras.

Além do mais, a língua de sinais é gesto-visual, um dos fatores pelos quais não há tantos registros de pessoas surdas. Atualmente, essas obras são mais apreciadas através de imagens de vídeos e Dvd's, ressaltando que também existe uma diversidade de registros escritos, através da escrita de sinais ou “sign write”, porém, precisa-se aumentar este acervo para que chegue a mais leitores. Neste véis, nota-se a necessidade de expandir os meios tecnológicos no que diz respeito aos surdos, na perspectiva de expandir o acervo, promovendo maior acesso de todos.

Citamos então Rosa (2006) afirmando que:

Como o surdo utiliza a visão para obter informações, a união da mídia e da literatura cria condições para que haja um fortalecimento da identidade, cultura e de conhecimento da surdez. Pesquisar como se desenvolvem estes aspectos conjuntamente fará com que a expressão da arte e da literatura surda seja registrada

em livros e em materiais midiáticos, capazes de manifestar a diferença linguística e cultural de surdos, através do caminho da autorepresentação. (ROSA, 2006, p. 59).

Definir Literatura Surda ainda é uma tarefa difícil, pois enquadra-se em diversas acepções explícitas ao contexto inserido. Como já citamos anteriormente, temos a concepção de Literatura Surda como os registros em Língua de Sinais por pessoas surdas. Não implica dizer que esta seja uma definição única e cabível, o fato é que, a Literatura Surda se efetiva dentro do meio cultural inserido, onde o sujeito não cria sozinho, sendo um trabalho em conjunto para a produção de significados, como bem afirma Strobel (2008) quando diz:

(...) um ser humano, em contato com seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isto significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas. (STROBEL, 2008, p., 19).

Assim, como é difícil conceituar a Literatura de forma geral, definir Literatura Surda é um desafio, por se tratar de uma busca constante de reconhecimento, para conquistar seu espaço, como cita Karnopp (2006, p. 100), “A literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas”.

Strobel (2009b, p. 62) define Literatura Surda como: “às experiências que o povo surdo passa, suas dificuldades e/ou vitórias das explorações e tiranias dos ouvintes, como reagem diante dessas situações; mostra também as ações de grandes militares e líderes surdos e valoriza suas identidades surdas”.

Neste sentido, Literatura Surda é a expressão e fator determinante da identificação do povo surdo, construindo assim, sua própria identidade e cultura.

Como bem citamos Leite e Guimarães (2014, p. 5):

Nesse processo de construção de identidade do sujeito surdo e a sua relação com os seus pares, a contação de histórias e a Literatura Surda se constituem como fatores relevantes, promovendo a reflexão, a criticidade, a autonomia, dentre a consolidação de outras aprendizagens. Ao considerar a literatura como instrumento essencial na formação do imaginário do sujeito surdo, o contar e recontar histórias por meio da Língua Brasileira de Sinais possibilita significar a fantasia e produzir novos conhecimentos na ressignificação de outros contextos, utilizando a sua língua natural.

Pensar em literatura surda é imaginar um universo mágico, cheio de fantasias, narrando registros de vida, experiências e aspectos de pessoas surdas. Rosa e Klein (2009, p.



2-3), em vista disso, afirma que “a literatura sinalizada é uma expressão artística dos surdos registrados através de vídeos e a divulgação desse material em língua de sinais, mostra o enfoque de uma diferença cultural, que é própria dos surdos”.

A literatura surda é considerada um artefato cultural, pois a mesma consiste em fazer representações do indivíduo surdo, buscando enfatizar aspectos de sua identidade e processos socioculturais da comunidade na qual está inserido.

Nesta perspectiva, citamos Strobel (2008):

A literatura se multiplica em diferentes em diferentes gêneros: poesia, histórias de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. Karnopp faz referência a respeito desse artefato cultural: “[...]utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa [...]”. (STROBEL, 2008, p.56).

Para que esses artefatos não sejam perdidos e esquecidos com o passar do tempo, eles se transformam, se modificam, sempre passando por processos de hibridização sendo possível assim, alcançar maior dimensão de público alvo. No âmbito literário das comunidades surdas, é possível classifica-las em três tipos: As traduções, as adaptações e as criações, onde iremos nos deter um pouco mais a cada uma.

Karnopp e Machado (2006, p.3) afirmam que:

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda conta da língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais.

## TRADUÇÕES

Para entendermos o que é a tradução em literatura surda, nos ateremos ao conceito de “traduzir”, segundo Guerini (2008):

A palavra *traduzir* deriva do latim *traducere*, e segundo o dicionário *Aurélio* etimologicamente significa “conduzir além”, “transferir”. Atualmente, seu leque de significados é muito amplo e além do original “transferir” quer dizer entre outras coisas, também “transpor, transladar de uma língua para outra”, “revelar, explicar, manifestar, explanar”, “representar, simbolizar”. *Traduzir* no sentido de “passar de uma língua para outra”, é uma metáfora do ato físico de transferir. (GUERINI, 2008, p.02).

Nesta perspectiva, cabe a nossa compreensão entender por tradução, passar algo de uma língua para outra, neste caso, tomar uma obra literária da Língua Portuguesa por exemplo e traduzir para Língua de Sinais ou vice-versa e interpretá-la. O profissional responsável por

esta tradução e interpretação é o intérprete de Língua de Sinais. Sendo este tipo de obra literária utilizada em nossa pesquisa.

### ADAPTAÇÕES

As adaptações nada mais são do que utilizar obras já existentes e adaptá-las para a comunidade surda, onde podemos destacar que o enredo irá sofrer alterações para adaptar-se à realidade da comunidade surda, tornando-as mais próximas possíveis de sua realidade, como também, geralmente seus principais personagens serão surdos dando mais ênfase as características, abordagem reais e representatividade, de sua comunidade.

A mais conhecida nesse contexto é a “Cinderela Surda” (2007):

Não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto. A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto, é recontar essa história a partir de uma outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como sign writing. (HESSEL; KARNOPP; ROSA, 2003, p.5)

### CRIAÇÕES

Já as criações, são produções puras e textos originais dos próprios surdos, narrativas que trazem suas próprias experiências, vivências em sua comunidade, fatos reais de sua vida. Um dos mais conhecidos é o livro: “Tibi e Joca” (BISOL, 2001), citado por Karnopp (2006, p.104):

Uma história de dois mundos (BISOL, 2001), que narra a história de um menino surdo em uma família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais. O texto explora o visual (o desenho) e, além da história registrada em língua portuguesa, há um boneco-tradutor que sinaliza a palavra-chave que vai dando sequencialidade à história.

Nosso acervo de materiais literários não é muito extenso, mas é possível encontrarmos alguns clássicos da Literatura Brasileira, traduções e adaptações como: Cinderela Surda; Rapunzel Surda; Patinho Surdo; Alice no país das maravilhas; Iracema; O alienista; Adão e Eva; Os três porquinhos; Chapeuzinho vermelho; Dentre outras. Iremos dar ênfase a “As aventuras do Pinóquio”, um clássico muito conhecido pelas crianças ouvintes.

O surdo está exposto e distribuído na sociedade, dentre os ouvintes, “todos são pessoas Surdas vivendo em uma sociedade dominada pelos ouvintes.” (WILCOX; WILCOX, 2005, p. 78). Assim, ele se constitui de acordo com fatores relevantes, como: o meio no qual este faz

parte, a cultura em que está inserido, ou seja, fatores estes que resultam diretamente no sujeito surdo sócio/histórico de modo pessoal.

Conforme cita Perlin (2004, p. 77-78):

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que tornam o corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

Com este olhar sob identidade, é notório que os surdos trazem consigo uma história de lutas e batalhas para serem aceitos e vistos na sociedade atual, sabe-se ainda que essa não é uma realidade definitiva, pois, os entraves dispostos por trás do preconceito, exclusão e descrença sob o povo surdo, submerge-se e aflige a todos que conhecem e convivem com os mesmos.

Portanto, faz-se necessário ressaltar a importância da criança ouvinte está próxima da comunidade surda através da Língua de Sinais, entrelaçada a Literatura Surda, como forma de facilitar a interação, incentivar o bilinguismo e fazer com que a criança ouvinte perceba o surdo como um ser dotado de experiências e pertencente a um grupo linguístico distinto do nosso, mas que existem possibilidades de nos inserirmos neste grupo linguístico, através da língua de sinais.

Neste contexto, será possível que ocorra a integração, aceitação e influência mútuas, quebrando barreiras e criando pontes para extinguir o preconceito que ainda faz-se presente, para isto é preciso que o ensino de LIBRAS esteja ao alcance de todos.

A literatura surda, por exemplo, é uma maneira de promover uma interação entre crianças ouvintes e surdas, por meio da aproximação que a mesma proporciona, através dela fica visível que o surdo também é um sujeito leitor e capaz de desenvolver habilidades leitoras como o ouvinte.

### **2.3 LITERATURA INFANTIL VERSUS LITERATURA SURDA**

Sabe-se que a Literatura Infantil é um gênero destinado a um público alvo, que busca além de formar bons leitores, promover o encantamento, estimular a imaginação e fazer viajar em mundos encantados.

A Literatura infantil é antes de tudo, literatura ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra funde os sonhos e a via prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (CAGNETI, 1996, p.7)

Discorreremos aqui sobre a Literatura Infantil como processo de formação leitora, desde os primeiros anos da criança. Os primeiros contatos ocorrem na contação de histórias dos pais para os filhos, desde o ventre de suas mães, até o momento de pôr para dormir, em seguida, o contato com os livros, apreciando o colorido das imagens, despertando desde já a curiosidade sobre os livros, são os primeiros passos de formação.

Ao ingressar na escola, esse contato deverá passar a ser mais forte e constante, não de modo que remeta a obrigatoriedade para obter notas, ou somente para realizar atividades, mas proporcionar o prazer pela leitura.

A literatura infantil leva a criança à descoberta do mundo, onde sonho e realidade se incorporam, onde a realidade e a fantasia estão intimamente ligadas fazendo a criança viajar, descobrir e atuar num mundo mágico: podendo modificar a realidade seja ela boa ou ruim. (PAÇO, 2009 p.12)

Quando é oferecida e apresentada corretamente às crianças, as obras passarão a influenciar positivamente na vida das crianças, onde irão contribuir para torná-los sujeitos leitores, pensantes, críticos, participativos, despertando a criatividade e a imaginação. Hoje, no Brasil, temos um acervo imenso de obras da Literatura Infantil, que estão ao alcance de todos nas escolas, bibliotecas, sites da internet, dos mais variados estilos que encantam não só crianças, mas pessoas de todas as idades.

Atualmente, essas obras estão sendo utilizadas também na Literatura Surda, aumentando seu acervo e possibilitando a comunidade surda, compartilhar experiências literárias, as quais só ouvintes tinham acesso.

É desta forma que a Literatura Surda age sob seus leitores, abre espaço para que as crianças surdas possam conhecer as obras literárias e interagir de forma direta com a expressão do pensamento e dos sentimentos, possibilitando uma aproximação entre surdos e ouvintes permeados pela leitura. Aos ouvintes, surge como efeito para repensar a importância em ter acesso ao ensino de Libras, além de possibilitar oportunidades do ouvinte aprender a Língua de Sinais de forma dinâmica e prazerosa, e assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, contribuindo para que o povo surdo esteja cada dia mais inserido.

A literatura surda é de modo perceptível uma ferramenta importantíssima para apresentar a Língua de Sinais as crianças ouvintes, por se tratar de um novo instrumento para

formação do sujeito leitor, através de histórias que já fazem parte de seu conhecimento, porém, trazendo uma nova língua que permite aprendê-la participando diretamente de forma ativa.

Assim, o ensino da literatura nas escolas promove a formação da identidade e do gosto pela leitura dos ouvintes, e o mesmo acontece com os alunos surdos. Quanto mais cedo forem expostos a histórias, poesias, contos, fábulas, piadas, dentre outros textos, mais propensos eles ficarão a desenvolver o gosto pela leitura na sua língua, a de sinais. Além disso, a literatura tem efeito positivo na identidade da criança surda. Muitos surdos se acham inferiores aos ouvintes, mas, ao notarem que há obras na sua língua, eles perceberão que não são inferiores, apenas utilizam uma língua diferente. (LABORIT, 1994, apud MOURÃO, 2011)

Consideramos então a Literatura Surda como um meio dinâmico de ensinar a Língua de Sinais, envolvendo a criança ouvinte através de histórias já conhecidas, com a roupagem desse novo contexto linguístico, assim torna-se muito mais fácil compreender os sinais, como possibilitará a aprendizagem dos mesmos, a partir da curiosidade da representação que cada um apresenta na concepção do sentido.

A literatura surda traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. (STROBEL, 2008, p. 56).

Uma das grandes dificuldades encontradas hoje, sob a Literatura Surda, é o fato de não termos um grande acervo de obras direcionadas a esse público, o que acaba dificultando o empoderamento da leitura, como também a aproximação do sujeito leitor surdo e o ouvinte, por falta de acesso a esses materiais, que podem ser encontrados em sites na internet limitadamente e poucas obras são traduzidas e/ou adaptadas da Língua Portuguesa para Libras.

Citamos Karnopp (2006), mencionando esses entraves da literatura surda:

Pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos encontram, em geral, os seguintes dilemas: as dificuldades de tradução ou talvez o desconhecimento da língua de sinais e das situações cotidianas dos narradores, do significado de suas lutas, da sua língua, dos costumes, da experiência visual e das situações bilíngues. (KARNOPP, 2006, p. 102).

Como vemos, a falta de conhecimento sobre Libras é um dos principais problemas para a efetivação de obras aderentes a pessoas surdas, ressaltando então, a importância do acesso a Língua de Sinais por meio da inserção da mesma na matriz curricular de nossas escolas, pois a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) confere o direito de serem

inclusos em salas de aula regulares, para que tenha acesso a uma educação igualitária, e que assim, possam estar inseridos no convívio social e dispor de uma rotina normal, como dita em lei:

Parágrafo único. O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (CONGRESSO NACIONAL, 1996).

Entretanto, sabemos que na prática isso não ocorre, uma vez que as instituições não oferecem subsídios, e os profissionais não possuem formação para receber esse público. Mesmo quando as recebem, torna-se constrangedor e difícil, as situações, onde não há subsídios e recursos necessários para essa inserção.

Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com narrativas, com textos literários (em sinais ou através de leituras), nas escolas ou em seus lares, com os professores ou pais contando histórias, teriam mais possibilidade de usar a imaginação, a criatividade e a emoção e poderiam se tornar uma fábrica de histórias, produzindo ideias, narrativas e poemas, que ainda são poucos. (MOURÃO, 2012, p.4)

Neste sentido, percebemos a necessidade de que os surdos tenham acesso a sua língua, para manifestar sua cultura e identidade através do uso da Libras. Como também, o acesso a Língua de Sinais pelas crianças ouvintes, para que ambas, possam estar inseridas em um mesmo âmbito escolar, compartilhando as experiências e desenvolvendo novas habilidades cognitivas, sociais e leitoras, através da literatura surda.

### 3 METODOLOGIA

Para que se torne possível esse estudo, a respeito do uso da Literatura Surda como ferramenta para o ensino de Libras para crianças ouvintes, faz-se necessária a busca de elementos que facilitem e forneçam informações e subsídios necessários para a efetivação da mesma, ou seja, selecionar métodos e técnicas que serão aplicados para obter resultados satisfatórios dentro da pesquisa. Diante disto, citamos Gil (2008, p.,15) que afirma que: “Esses métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos, para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais”, ou seja, teremos as ferramentas nas quais nos ajudarão a alcançarmos os objetivos desejados.

Seguindo este viés, o presente trabalho contou com uma pesquisa de campo, onde ocorreu a intervenção pedagógica, a fim de coletar informações necessárias para levantar dados, pois fizemos uma análise de caráter observatório e interativo, para então analisar de que modo a Literatura Surda pode aproximar de forma inclusiva, a criança ouvinte do mundo surdo.

Isso foi possível através de uma exposição, onde apresentamos o conto interpretado em Língua de Sinais e traduzido para Português na versão voz, de uma forma dinâmica e divertida, para que assim chamasse a atenção das crianças ouvintes e despertasse o interesse de aprender. Nesta perspectiva, ressaltamos Gil, (2008, p., 57): “o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”.

Inicialmente, partimos de uma pesquisa bibliográfica, onde foram levantados dados bibliográficos a respeito do tema, para que se tivesse um embasamento teórico necessário para estruturar a pesquisa. Foi um momento de muita leitura e levantamento de dados relevantes para esta pesquisa. Neste viés, conceitua Gil (2010):

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet. (GIL, 2010, p. 2)

Por conseguinte, houve o contato direto com as crianças ouvintes, sujeitos indispensáveis da pesquisa, as quais, apresentamos a Literatura Surda através do conto “As Aventuras de Pinóquio”, instrumento base desta pesquisa, como também, fizemos uso de algumas questões orais para que tivéssemos ainda mais informações sobre esta experiência.

Por fim, analisaremos, os dados coletados, a fim de responder os questionamentos levantados neste trabalho e alcançar os objetivos aqui propostos.



#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa se apresenta através de uma intervenção pedagógica, onde utilizamos o conto “As Aventuras de Pinóquio”, interpretado em Libras e traduzido em português na versão voz, para uma turma de crianças ouvintes.

A mesma ocorreu no dia 11 de Setembro de 2017, em uma instituição privada de ensino, na cidade de Cacimba de Dentro, no Curimataú Paraibano. A instituição é a mais nova da cidade, com menos de 2 anos de atuação, porém tem crescido progressivamente e ganhado muito espaço na educação pela atuação e sistema de ensino.

A duração da intervenção foi de 1:15:00, tendo início as 09:45 H (nove horas e quarenta e cinco minutos) e terminou as 11:00 H (onze horas). A turma que nos serviu de suporte foi o 5º ano do ensino Fundamental I, na qual atuamos com professora da mesma. A sala consta com 10 alunos, sendo 5 meninas e 5 meninos, todos ouvintes, com faixa etária entre 9 e 10 anos de idade. No dia da intervenção, apenas 9 alunos estavam presentes.

O conto que utilizamos conforme já comentado foi “As Aventuras de Pinóquio”, interpretada em Libras por Nelson Pimenta professor surdo e traduzida em Português na versão voz, com duração de 00:15:50 (quinze minutos e cinquenta segundos).

Para iniciar a aula, fizemos o seguinte questionamento: Já imaginaram como seria se na nossa escola, ou até mesmo na sala de aula, tivéssemos um coleguinha surdo? De imediato todos, responderam: Não! Como íamos falar com ele? Daí então, passamos para uma breve introdução sobre o surdo, onde explicamos as singularidades do sujeito surdo e que o mesmo possui uma língua pela qual pode se comunicar, que é a Libras.

Imediatamente, percebemos que as crianças moviam as mãos, indicando que os surdos se comunicavam através dos “gestos” e emitindo alguns sons com a boca. Nesse momento surgiu a indagação: “Eles são surdos-mudos não é tia?”. Passamos então para os esclarecimentos de que os surdos não se comunicam por gestos e sim por sinais que tem valor linguístico, como também não são surdos-mudos, pois os mesmos não falam porque não escutam, mas que possuem as cordas vocais intactas e que não devemos utilizar essa expressão pois agrega preconceito. Eles são surdos possuidores de uma língua diferente da nossa, uma língua sinalizada rica em expressões e conceitos.

Dois dos alunos, se pronunciaram, expondo que na antiga escola que haviam estudado, havia um coleguinha surdo e que era muito “ruim”, porque ninguém entendia ele, além do mais, ele “só fazia barulho”, comprovando assim que ele não tinha nenhuma perda nas cordas vocais, mas era muito bravo por não conseguir ser compreendido.

Logo questionamos: Se vocês soubessem Língua de Sinais, iriam poder se comunicar com ele, será que seria diferente essa relação? Responderam que sim! Pois, eles iam poder conversar, ajudar nas tarefas, brincar e ele não ficaria mais bravo, e a comunicação fluiria. Em seguida, indagamos o que vinha em mente quando ouviam a palavra Literatura, e foram citando: leitura, livros, histórias, personagens e etc. E então, explicamos que os surdos também têm acesso a tudo isso por meio da literatura surda, através das historinhas traduzidas, adaptadas ou criadas, onde foi explicado um pouco sobre cada uma.

Perguntamos se as crianças conheciam o conto do Pinóquio, todos já conheciam e começaram a expor as características do conto e do personagem, demonstrando total familiaridade, surgiu o espanto quando revelamos que eles iriam assistir o conto do Pinóquio mas com um diferencial, seria interpretada em Língua de Sinais e traduzido para o Português na versão voz, todos ficaram ansiosos, esperando para ver como seria. Com o auxílio de um retroprojeter, o conto que era em DVD, foi projetado para as crianças. Ao decorrer da narrativa, observamos que todos prestavam atenção e tentavam sinalizar em alguns momentos, conforme exibia no vídeo. Terminando o vídeo, iniciei alguns questionamentos.

**FIGURA 1** – Momento de questionamentos



**Fonte: Acervo Pessoal (2017).**

A primeira pergunta foi sobre o que acharam interessante no conto, alguns disseram que era muito legal, outros que não entenderam nada, outros observaram a rapidez com que o

ator sinalizava, que ele fazia muitas expressões com o rosto. A segunda pergunta foi se era difícil compreender e aprender Libras, todos disseram que era difícil, alguns disseram que precisava praticar muito para aprender e entender.

A terceira pergunta foi sobre qual sinal acharam mais fácil e qual o mais difícil. Imediatamente, a maioria citou como mais fácil o sinal de Pinóquio e Gepeto, o mais difícil eram todos os outros que não tinham entendido. Interessante perceber que alguns pensavam que haviam identificado o sinal do Pinóquio e Gepeto, porém haviam relacionado a outro sinal, muitos sinais eles remetiam ao momento em que o ator sinalizava, ou seja, na medida que ele fazia algum sinal, remetiam ao que o intérprete falava.

**FIGURA 2 – Sinal do Gepeto**



**Fonte: Acervo Pessoal (2017)**

Em outro momento, foi realizado uma atividade relacionada a quarta pergunta, questionamos se eles gostariam de aprender um pouco mais sobre Libras, um dos alunos imediatamente disse que não, pois era muito difícil, os demais disseram que gostariam sim. Um deles, inclusive, disse que gostaria de aprender para poder conversar com um vizinho surdo. Ainda disseram que é difícil, mas, como para aprender a ler e escrever precisou de prática, aprender aquela língua também seria.

Após esse momento de exposição de opiniões, apresentamos figuras impressas dos principais personagens e alguns elementos do conto apresentado: o Pinóquio, Gepeto, Pepe,

escola, circo, baleia, fada, Raposa, Dona Gata e menino. Relembramos os sinais, feitos no conto e sinalizamos em conjunto. Em seguida, entregamos uma cópia do alfabeto em Libras (Datilologia), para cada aluno. Impressionante como chamou a atenção das crianças, imediatamente estavam tentando sinalizar cada letra, tentando formar seus respectivos nomes.

Passamos então a formar os nomes dos personagens e dos elementos dos contos sinalizando letra por letra, foi o momento mais simplificado de fazer com as crianças. Em seguida, revisamos os sinais dos personagens e também sinalizando letra por letra do nome de cada personagem e elemento do conto. Para finalizar, fizemos uma foto, onde todos fizemos o sinal de “desculpa”, representando o momento em que Pinóquio se arrepende de todas as travessuras.

**FIGURA 3-** Expressando o sinal de desculpa



**Fonte: Acervo Pessoal (2017)**

A realização e o sentimento de missão cumprida foi perceber no dia seguinte, que uma sementinha havia sido plantada, as crianças chegaram mostrando que aprenderam formar seu próprio nome em Libras, por meio do alfabeto que havíamos dado a cada um e até que tinham visto outros vídeos no you tube.

Nesta perspectiva, citamos Souza (2014), onde afirma a importância das traduções literárias para a aproximação da criança ouvinte com o universo do surdo:



[...] além de efeitos estéticos, percebe-se que, ao serem traduzidos para línguas orais, eles podem constituir verdadeiras pontes de contato cultural entre o mundo surdo e o mundo ouvinte, valorizando as potencialidades surdas e funcionando como ferramentas de esclarecimento cultural para os que não estão ainda familiarizados com as realidades existentes no mundo surdo. (SOUZA, 2014, p. 171),

Assim, reafirmamos o conceito aqui defendido de que a Literatura Surda é uma eficiente ferramenta pedagógica para o ensino de Libras, de tal modo que é uma maneira lúdica onde as crianças ouvintes terão mais interesse em prestar atenção, aprender os sinais mais repetidos e pelo fato de já conhecer as histórias, será mais fácil relacionar os sinais.

É perceptível como as crianças ouvintes se sentiram atraídas pela língua de sinais e como elas aceitaram-na como uma diversão, como tiveram aquele momento como uma aula legal, diferente e lúdica. A cada sinal, quando o colega não acertava, ou quando um ajudava o outro a sinalizar, os sorrisos, a atenção, alguns mais ágeis, outros mais devagar, mas, todos tentando acertar e fazendo dentro de suas limitações.

Apesar de terem achado difícil, o que é compreensível por não terem tido nenhum contato anterior, as crianças aceitaram tranquilamente a aula, assistiram o vídeo com atenção, participaram, opinaram e interessante que, ao modo que assistiam ao vídeo, quando foram questionados a respeito dos sinais que conseguiram identificar, sempre relacionavam uma determinada palavra com a imagem do ato, como a palavrinha “nadar”, os alunos pensaram no sinal de nadar, com a imagem de uma pessoa nadando, fazendo movimentos com os braços, quando nem sempre na Língua de Sinais, consiste nessa característica, de associação da palavra, a imagem que nos vem na mente, ou do movimento que realizamos para representá-la.

Diante de tudo que foi exposto, percebemos que há consciência de que aprender a língua de sinais é uma forma de comunicar-se com o surdo para que eles não fiquem bravos por não serem compreendidos, nem se sintam excluídos do meio social. Isso nos faz refletir sobre como é importante a inserção de Libras como segunda língua no currículo escolar, de modo que, haveria aceitação e inclusão.

Esta pesquisa nos mostrou que é possível incluir o surdo no convívio de crianças ouvintes, como também é possível inserir Libras no currículo escolar, pois a aceitação e busca de mais conhecimento vieram naturalmente. Prova disso, foi a tentativa de aprender sinalizar seus próprios nomes e buscar mais histórias em língua de sinais.

Neste contexto, citamos Silva (2001):

No currículo há o conflito na compreensão do papel da escola, em uma sociedade fragmentada do ponto de vista racial, étnico e linguístico. É preciso assumir em uma perspectiva sociolinguística e antropológica na educação dos surdos dentro da instituição escolar, considerando a condição bilingue do aluno surdo. SILVA, 2001, p.21).

O surdo é considerado bilingue por ter a Língua de Sinais como primeira língua, o mesmo está inserido no convívio com surdos e também com ouvintes. Neste sentido, desenvolvendo também o conhecimento da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Já a criança ouvinte, pode estar exposta a situação de ter contato com o surdo, porém, estando inserido nesse contexto não é conhecedor e falante da língua de sinais, onde as escolas priorizam o ensino de outras línguas diversas, mas não percebem a importância da adesão ao ensino de Libras, como um componente curricular que viabiliza a uma educação inclusiva.

Assim, compreende-se as dificuldades que a criança surda está exposta diariamente, a exemplo disso, a criança surda reconhecida e citada pelos alunos ouvintes, quando a descreveram como brava, por não conseguir comunicar-se com seus coleguinhas de sala, que eram todos ouvintes. De um lado, uma criança surda, não conhecedora de Libras, locada em uma sala de aula que cujos alunos se comunicam através oralidade, de outro, crianças ouvintes, que apenas falam e escrevem, ambas não conseguem interagir, de tal modo, a criança surda não renderá em aprendizagem, nem tampouco quando se trata da interação, troca de conhecimento, aceitação e respeito mútuo.

Ficou evidenciado aqui, o quão favorável a literatura surda pode ser para o ensino de Libras a crianças ouvintes, pois pudemos constatar que as próprias crianças ouvintes percebem a importância do aprendizado da mesma para a inclusão da criança surda. Além disso verificamos a aceitação de algo que para elas é desconhecido, que é a Língua Brasileira de Sinais, identificamos a consciência em entender que apesar de ser difícil, é com a prática que essa língua vai sendo internalizada.

Sendo apenas uma intervenção pedagógica, ou seja uma pesquisa de curto prazo, consideramos que os resultados obtidos foram consideráveis, diante do que esperávamos. Sendo assim, esperamos que, algum dia essa seja uma forma do ensino de Libras se expandir e chegar ao alcance de todos, vista como necessidade, no intuito de inserir o surdo no convívio social, não apenas ser aceito, mas poder compartilhar experiências, comunicar-se, participar das decisões e ser um cidadão composto de criticidade e autenticidade.

## 5 CONCLUSÃO

Diante das novas propostas educacionais, avanços e facilidades que a tecnologia oferece ao sistema de ensino, seria relevante pensar na formação do professor, ou seja, em sua trajetória na academia, afim de prepará-lo para encarar a diversidade do alunado que irá encontrar nas salas de aula de nosso país. E é na academia, onde essa formação começa a ter as bases e noções do que é a realidade de uma sala de aula heterogênea. Portanto, o sistema de ensino precisa nesse momento, de desenvolvimento do profissional em formação para prepará-lo, não somente para dar aulas, mas para preparar cidadãos dentro de suas individualidades.

Neste sentido, esta pesquisa tem o intuito de fazer com que os profissionais repensem em suas práticas, afim de incluir crianças ouvintes ao convívio de surdos, instigando os ouvintes a despertarem o interesse pela Língua de Sinais, através da Literatura Surda e para isso, é preciso que o ensino de Libras seja incluído no currículo acadêmico dos profissionais, e no currículo das escolas de ensino básico, para que seja possível o ensino-aprendizagem de Libras em todos os âmbitos escolares.

Há de se considerar a importância das atribuições educacionais às crianças desde os primeiros anos escolares, fase de maior aceitação e facilidade do processo ensino-aprendizagem. Comprovamos a partir dessa pesquisa, que é possível utilizar-se da Literatura Surda para o ensino de Libras a crianças ouvintes, tomando uma proporção considerável ao despertar o interesse e curiosidades das crianças ouvintes. Como reafirma Coelho (1986):

A história é um importante alimento da imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos de modo geral, sem distinção de classe social, idade ou circunstância. (COELHO, 1986, p.11)

Utilizar a Literatura Surda traduzida, para esse encontro entre ouvinte e surdo é despertar a essência de criança que existe em cada um, sem distinção entre aquilo que considera-se “diferenças”, a experiência da criança ouvinte ter esse contato com a Língua de Sinais por meio da Literatura Surda, proporcionará o desejo de aprender não somente pelo fato de ser uma língua, mas pela ideia de que a partir daquele conhecimento, conseguirá comunicar-se com pessoas surdas, como um ato de socialização e inclusão.

Podemos compreender e informar por meio dessa pesquisa e diversos autores, o conceito de literatura como processo cultural, onde os sujeitos ouvintes e surdos encontram-se e configuram sua própria identidade, utilizando-se de experiências da sua vivência cotidiana,

da interação com o outro, onde vai formando seu conceito de mundo a partir do reconhecimento do próprio eu, por meio de vários gêneros, nos quais passam a se reconhecer e se identificar com um determinado personagem ou próprio protagonista da vida real.

Deste modo, a formação leitora do surdo passa a tomar espaço na Literatura Surda, onde o mesmo passa ser autor de sua própria vida, despertando sua imaginação, criatividade, senso crítico e incentivando sua atuação em sociedade, por meio de criações, adaptações ou traduções de obras literárias, assim como também a literatura infantil para ouvintes. Ambas se relacionam por basicamente possuírem os mesmos objetivos, que é despertar o gosto pelo fantástico mundo da leitura.

A importância maior disso tudo, é perceber a contribuição, embora tão pequena, para a divulgação da Língua Brasileira de Sinais. Proporcionando as crianças ouvintes o interesse em aprender um pouco mais, e buscando outros exemplos de literatura surda. O intuito em apresentar essa nova ferramenta pedagógica para as crianças ouvintes foi além do nosso objetivo, pois além de despertar o interesse em aprender Libras, fez as crianças refletirem acerca do possível contato que ambas têm e/ou possam ter com surdos, do quanto seria importante se tivessem a noção sobre a língua de sinais, para promover a comunicação.

A ausência desse conhecimento permeia habitualmente com a triste realidade citada a exemplo do relato que alguns alunos fizeram das experiências escolares, tendo um coleguinha surdo, mas que não conseguiam se comunicar, sendo extremamente constrangedor, pela falta de conhecimento sobre Libras.

A educação brasileira fala tanto em inclusão, onde se tem o conceito que seja de somente retirar os alunos com particularidades das salas especiais e inseri-las nas salas regulares sem oferecer subsídios para que as mesmas cresçam, desenvolvam-se, aprendam, construam conceitos, interajam e acima de tudo, estejam socializadas com as demais crianças.

No que diz respeito o sujeito surdo, como inseri-lo sem que o mesmo tenha acesso a Língua Brasileira de Sinais, sem que o sujeito professor domine a mesma e até mesmo os demais alunos ouvintes. Como interagir e aceitar o outro sem ter conhecimento sobre a língua, impossibilitando o acesso e a efetivação da facilitação do processo de comunicação, socialização e ensino-aprendizagem. São questões que muito precisam ser avaliadas pela educação brasileira, tratando de definir o termo “Educação Inclusiva” que muito deixa ainda a desejar, em sua aplicação.

Nesta perspectiva, a Literatura Surda, mostrou-se eficiente para o ensino de Libras à criança ouvinte, despertando nos mesmos o interesse em aprendê-la de modo dinâmico e prazeroso, através de historinhas que já fazem parte do conhecimento prévio das crianças. Em



particular, as traduções, que utilizam as histórias já existentes na Literatura e as traduzem para a Língua de Sinais, facilitando a compreensão por já haver o conhecimento da narrativa e incentivando o aprendizado de Libras.

Conforme foi dito, nossa pesquisa alcançou o objetivo proposto, ao revelar que a literatura surda pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para o ensino de Libras a crianças ouvintes, tendo em vista que a mesma foi analisada, ou seja, aplicada em sala de aula de crianças ouvintes, para se chegar a conclusão aqui explícita, que por sinal foi muito proveitosa e demonstrou um alto nível de aprendizado e interesse.

A partir das experiências e conhecimentos aqui adquiridos, esta pesquisa ainda pode servir como suporte para outras novas pesquisas, seguindo este viés, como: o que é a educação inclusiva e como se dá a sua aplicabilidade no que se diz respeito ao sujeito surdo.

Além disso, após constatar que é possível a aplicação dessa temática do uso da literatura surda como ferramenta de ensino, aplicá-la em uma sala de aula com crianças surdas e ouvintes, em que os surdos já sejam usuários da língua de sinais.

Como também, enfatizar a importância do ensino de Libras como segunda língua, nos anos iniciais de escolarização. Fica então essa proposta para continuação dessa pesquisa, afim de aumentar o índice de aprovação do uso da literatura surda como ferramenta pedagógica para o ensino de Libras.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Ferreira. PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. **O Direito Do Surdo À Literatura: Por Uma Educação Literária Multimodal.** Linguagem em (Re)vista, vol. 10, n. 20. Niterói, jul./dez. 2015.

ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, 197 p. ISBN 978-85-7455-445-7. Disponível em: <http://books.scielo.org> Acessado em: 12 de ago de 2017.

APOLINÁRIO, Andréia Aléssio. **O que os surdos e a literatura têm a dizer?** Uma reflexão sobre o ensino na Escola Anpacin do município de Maringá/PR. Maringá, 2005.

BRASIL. Lei Federal 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Presidência da República, 2002.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Centro de Documentação e Informação. Edições Câmara. Brasília, 2015.

CANEPPELE, Guilherme Buhl. **Sistema de custos e análise de preços para uma indústria de confecções.** Três Passos, RS, 2012.

CARVALHO, Naiana Santos. **Surdez E Bilinguismo: Perspectivas, Possibilidades e Práticas Na Educação Para Surdos.** Salvador, 2010.

CUNHA, Erika Juliano; LIMA, Renato da Silva. **A abordagem sócio-interacionista e a teoria do construtivismo como bases para a simulação de conceitos logísticos em salas de aula.** Bauru-SP; 2004.

Declaração De Salamanca E **Enquadramento Da Ação Na Área Das Necessidades Educativas Especiais.** Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso E Qualidade Salamanca, Espanha, 7-10 de Junho de 1994. Disponível em: <redeinclusao.pt/media/fl\_9.pdf>. Acesso em: 06 de Out de 2017.

FERREIRA, Rita Wanderline; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. **A importância da Literatura Visual no Processo de Ensino-aprendizagem do(a) Aluno(a) Surdo(a).** 2017. Disponível em: <http://educacaopublica.cederj.edu.br> Acesso em: 09 de Set de 2017.

GAVA, Águida Aparecida. **Breves Considerações Sobre A Literatura Surda.** “Considerations For Deaf Literature”. 2015.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda.** Florianópolis, 2008.

KLEIN, Alessandra Franzen. **Uma proposta bilíngüe na educação Infantil: Libras-Português.** Horizontina, 2011.

LACERDA, Lúcia Loreto; MORAIS, Cristina Richter Costa. **O Ensino Da Língua De Sinais Para Crianças Ouvintes: Uma Proposta de Bilinguismo às Avessas**. Curitiba, 2013.

LSB VÍDEO. Educação melhor para o surdo. 2017. Disponível em: <https://www.lsbvideo.com.br/lsb-video> Acesso em: 23 de Mai de 2017.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes; **Adaptação e Tradução em Literatura Surda: A Produção Cultural Surda Em Língua De Sinais**. [S.I]: Portal Apend Sul, 2012. Disponível em: [www.portalanpedsul.com.br](http://www.portalanpedsul.com.br) Acesso em: 23 de Mai de 2017.

MORENO, Sandra Cristina Silva. **A Inclusão do Aluno com Deficiência na Escola Regular**. 2017. Disponível em: [www.pedagogia.com.br](http://www.pedagogia.com.br) Acesso em: 26 de Ago de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **“Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico”**. 2. ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. **A Importância Da Literatura Infantil Em Libras No Desenvolvimento Infantil**. Ed. Arara Azul; edição: N°20; 2017.

SLOMSKY, Vilma Geni. **Educação Bilíngue para Surdos: Concepções e Implicações Práticas**. 1º Ed. (2010), 2º reimpr. Ed. Juruá. Curitiba, 2012.

STUMPF, Marianne Rossi. QUADROS, Ronice Müller de. LEITE, Tarcísio de Arantes. **Estudos da língua brasileira de sinais**. Série Estudos de Língua de Sinais. V.II. Florianópolis: Insular. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. COELHO, Ivan Ivic. PEREIRA, Edgar. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA AULA TEMÁTICA INTERVENTIVA

### ROTEIRO DA AULA TEMÁTICA INTERVENTIVA

**ESCOLA CAMPO:** EDUCANDÁRIO PRIMEIROS PASSOS, CACIMBA DE DENTRO-PB

**TURMA:** 5º ANO **DATA DA INTERVENÇÃO:** 11/09/2017 **HORÁRIO:** Início:09:45; Fim: 11:00 HRS

O USO DA LITERATURA SURDA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DO ENSINO DE LIBRAS PARA A CRIANÇA OUVINTE.

- INTRODUÇÃO; (PRINCIPAIS CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE É LIBRAS, E A IMPORTÂNCIA DE APRENDER LIBRAS, LITERATURA SURDA, HISTORINHAS ADAPTADAS, TRADUZIDAS E CRIADAS).
- APRESENTAÇÃO DO VÍDEO: AS AVENTURAS DE PINÓQUIO; (00:15:50)
- IMPRESSÕES DAS CRIANÇAS OUVINTES SOBRE O VÍDEO; (PERGUNTAS AOS ALUNOS).
- APRESENTAÇÃO DOS SINAIS DOS PRINCIPAIS PERSONAGENS E ELEMENTOS DO CONTO; APRESENTAÇÃO DO VOCABULÁRIO: (PINÓQUIO, GEPETO, PEPE, ESCOLA, CIRCO, BALEIA, FADA, RAPOSA, DONA GATA E MENINO);
- APRESENTAÇÃO DOS SINAIS UTILIZANDO A DATILOLOGIA (ALFABETO EM LIBRAS);
- QUESTÕES:
  - A) O QUE MAIS ACHARAM INTERESSANTE NO CONTO APRESENTADO?
  - B) É DIFÍCIL COMPREENDER E APRENDER LIBRAS?
  - C) QUAL SINAL ACHARAM MAIS FÁCIL? E O MAIS DIFÍCIL?
  - D) GOSTARIAM DE APRENDER UM POUCO MAIS SOBRE LIBRAS?
  - E) REVISAR OS SINAIS APRENDIDOS.
- RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS:
  - DVD;
  - CARTAZ ILUSTRATIVO;
  - ALFABETO;

## APÊNDICE – PLANO DE AULA

### PLANO DE AULA

Título da aula: **AS AVENTURAS DE PINÓQUIO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.**

Data: 11 de Setembro de 2017

Horário: 09:45

Duração: 01:15:00

#### **1. Objetivo**

Apresentar a Literatura Surda como ferramenta pedagógica para o ensino de Libras a crianças ouvintes, promovendo uma linha de acesso entre crianças ouvintes e o mundo do surdo, por meio de sua literatura.

##### **1.1 Objetivos Específicos**

- ✓ Apresentar o conto “As Aventuras de Pinóquio”, interpretado em Libras e traduzido em Português na versão voz, para as crianças ouvintes, a fim de analisar se houve a compreensão e comparação entre as duas línguas, no intuito de verificar de que modo a literatura surda pode servir de ponte para aproximar a criança surda e a criança ouvinte, como também o acesso a Libras;
- ✓ Perceber e avaliar como se dará o contato das crianças ouvintes com a literatura surda, de tal modo a analisar se aceitarão as experiências como aprendizado para sua construção de vida enquanto cidadãos pensantes;
- ✓ Identificar as contribuições que acarretará esta pesquisa para o sujeito ouvinte como também, ao ensino de Libras.

#### **2. Conteúdo**

Literatura Surda: As Aventuras de Pinóquio – Em Língua Brasileira de Sinais.

#### **3. Metodologia**

##### **3.1. Estratégias:**

Aula expositivo-dialogada, com o intuito de, mediante um referencial teórico em torno da Língua de Sinais, favorecer a compreensão em torno de sua contribuição para o ensino, levando o aluno a refletir sobre os pressupostos de um ensino voltado para o desenvolvimento da competência comunicativa, inclusão e socialização com os surdos através da Língua de Sinais.

##### **3.2. Recursos técnico-pedagógicos:**

Data Show; Imagens Ilustrativas;

##### **3.3 Avaliação:**

A avaliação foi feita por meio da participação na aula prática, onde os alunos interagiram sinalizando através das observações feitas no vídeo apresentado.